

As noites de Flores
César Aira
Tradução Paulo Andrade Lemos



UM CASAL DE MEIA-IDADE DE FLORES, Aldo e Rosita Peyró, adotou um ofício curioso no qual eram únicos, despertando a curiosidade dos poucos que sabiam disso: faziam entregas noturnas em domicílio para uma pizzeria do bairro. Não que eles fossem os únicos a fazê-lo, como ficava patente pelo exército de rapazes de moto que ia e vinha pelas ruas de Flores e por toda Buenos Aires desde o pôr-do-sol, como camundongos no labirinto de um laboratório. Mas não havia nenhum outro casal de meia-idade (nem jovem) que fizesse isso a pé, e do seu próprio jeito.

Eles eram membros muito característicos de nossa maltratada classe média: com uma aposentadoria medíocre, casa própria e sem grandes apertos, mas também sem muita folga. Com saúde e energia, ainda relativamente jovens e sem nada para fazer, teria sido de espantar que não procurassem alguma atividade com que completar a sua modesta renda. Não se propuseram a ser originais. O trabalho apareceu um pouco por acaso porque conheciam o jovem gerente da pizzaria e também talvez porque aquilo se parecia com um não-trabalho. A crise, que vinha ocasionando tantas adaptações estranhas nos hábitos, acabou fazendo com que a oportunidade se encaixasse. As pizzarias deixaram de ter a sua própria frota de motos depois que perceberam que podiam operar com entregadores que tinham seu próprio veículo. Houve uma redução drástica na oferta de trabalho, e o que restou fez-se mais imprevisível ainda, pois os adolescentes que eram donos das motocicletas trabalhavam somente quando precisavam de dinheiro e mudavam de patrão como quem muda de roupa. O casal Peyró era pontualíssimo, responsável, e o passo-a-passo deles funcionava.

Davam-lhes as entregas em locais próximos, num raio de ação reduzido, e não se podia dizer que demorassem mais do que os motoqueiros e nem que as *pizzas* chegassem frias. Ganhavam o pequeno salário estabelecido, mais as gorjetas. E além do mais, isso os obrigava a caminhar, o que era um exercício recomendado para a idade deles, ótimo para a saúde, e nem foi preciso que um médico lhes dissesse isso.

O trabalho os pôs em contato com uma parte da sociedade que de outro modo desconheceriam. E também com uma parte deles mesmos que não teria vindo à luz. Como tantos casais da idade deles, iam ficando cada vez mais parados, passando as noites na frente da televisão, indo se deitar cada vez mais cedo. Ao abrir-se a noite para eles, foi como uma renovação de uma espécie de juventude. E os rapazes extremamente jovens que eram seus colegas de trabalho na pizzeria os tratavam com a maior naturalidade. Eram quase meninos, ou eram meninos mesmo, vistos do alto da idade de Aldo e Rosita, o que não os impedia de aprender com eles. As gerações, ao se renovarem, trazem coisas novas que não têm nada a ver

com a experiência, ou colocam a experiência em outro plano. Aqueles garotos eram, além do mais, especiais. As motos, a rua, os horários noturnos, tudo isso dava a eles um caráter muito sedutor de liberdade, de audácia, de independência, ou talvez fosse esse próprio caráter, com o qual já haviam nascido, que os levava a exercer aquele ofício. O gerente da pizzeria contou uma vez ao casal Peyró que eles eram “uma boa influência” para aquela tropa juvenil. Naquela noite, nas longas conversas nas caminhadas para entrega das *pizzas*, eles elaboraram essa informação e concluíram que as influências eram sempre mútuas e, por mais fantástico que possa parecer, eles também se enriqueciam com o que recebiam.

Os trajetos seguiam um itinerário muito particular, e por um motivo curioso. Pedestres cautelosos, da velha escola, atravessavam as ruas somente nas esquinas, respeitando os sinais de trânsito quando os havia, se bem que o perigo que representavam os automóveis diminuísse bastante depois das dez ou onze da noite. Diminuía e aumentava ao mesmo tempo porque os veículos, por serem em menor quantidade, trafegavam em

maior velocidade. Ao caminhar, Rosita se colocava sempre à esquerda de Aldo porque o ouvido esquerdo dele funcionava melhor que o direito e, como sempre iam conversando sobre alguma coisa, ele preferia que ela ficasse do lado em que ouvia melhor. Devido a um costume muito antigo (sempre caminharam muito) ele lhe cedia o lado de dentro, perto da parede, como havia aprendido na infância que era o que um verdadeiro cavalheiro deveria fazer, sentindo-se desconfortável quando ficavam posicionados de outro modo. Para cumprir os dois requisitos ao mesmo tempo, tinham que mudar de calçada a cada vez que dobravam uma esquina. Em certos casos, isso os obrigava a estender irracionalmente o percurso, mas para minimizar isso havia sempre um traçado ótimo do itinerário. Esse cálculo pode parecer complicado, mas eles o faziam automaticamente.

Esses mapas virtuais fizeram-se visíveis, apenas visíveis e durante apenas um momento, quando se produziu uma “guerra de motos”, o que era freqüente, mas que naquela oportunidade teve um caráter furioso e espetacular.

Os *motoboys* de cada estabelecimento desenvolviam fortes sentimentos de pertencimento a um grupo e, conseqüentemente, de rivalidade com outros grupos do bairro. Montados em veículos que naturalmente sugeriam uma disputa de velocidade, as corridas e os pegas eram habituais. Em periódicas erupções esportivas, haviam-se enfrentado em eventos ocorridos de madrugada quando terminava o trabalho. Os circuitos escolhidos eram as ruas mais vazias, no lado norte das avenidas, porém também já o tinham feito no movimentado setor sul adjacente à avenida Rivadavia, e uma vez até na própria avenida. Não seria exagero observar que tudo era infração nesses torneios; tudo era perigo e tormento para os vizinhos devido ao barulho infernal. Mais de uma pessoa deve ter pensado, e com bons motivos, que aquelas eram mais competições de barulho do que de velocidade. As corridas tinham que ser curtas como ataques-surpresa, porque a polícia demorava apenas alguns minutos para aparecer, o que, somado aos problemas de organização inerentes à juventude dos participantes, à sua irres-

ponsabilidade, à disputa entre os grupos rivais, fazia desses pegas um caos, por sorte, fugaz. Os donos das pizzarias, que no fim das contas seriam os responsabilizados, tinham proibido terminantemente as corridas de moto sob ameaça de demissões sumárias em massa. Eles não ignoravam que, se acontecesse uma tragédia, e era um milagre que ainda não tivesse ocorrido nenhuma, teriam que pagar um preço muito alto, o que inclusive poderia afastá-los do negócio e levá-los à ruína. Este foi um dos motivos pelo qual eles deixaram de ter uma frota de motos e agora, quando contratavam um entregador com veículo próprio, faziam com que os pais assinassem um documento isentando o estabelecimento de qualquer responsabilidade pelo que seus funcionários motorizados pudessem fazer, sozinhos ou em grupo, mesmo antes ou depois do horário de trabalho.

Na realidade, os enfrentamentos mais renhidos tinham ocorrido entre as pizzarias ou então entre estas e outros setores da entrega em domicílio: comida chinesa, pastelarias e sorveterias. Os piores embates ocorriam entre a pizzaria e a sorveteria. Justamente o pega que o casal Peyró

testemunhou foi o desenlace de uma série de desafios e rancores acumulados entre os entregadores da pizzaria para quem trabalhavam, o Pizza Show, e os da sorveteria Freddo. Toda essa garotada provinha mais ou menos do mesmo estrato social, no entanto, uma espécie de identificação mimética ligava os garotos ao estabelecimento para quem faziam as entregas, ou até mesmo ao produto com o qual trabalhavam. Os entregadores das democráticas *pizzas* sentiam-se obrigados a representar uma classe popular sujeita aos altos e baixos na economia do país. Enquanto isso, os pilotos das quinze motos azuis da Freddo, transportando os luxuosos sorvetes de sabores rebuscados, viam-se sintonizados com o *carpe diem* de uma classe média esbanjadora, imprevidente, anti-social. Quem é que tinha que correr mais? O que tinha que conservar o calor ou o que tinha que conservar o frio? O que era mais importante? O alimento ou a guloseima?

Tanto uns quanto outros já tinham sido advertidos que aquelas loucuras não seriam mais toleradas. Os últimos pegos tinham produzido todo tipo de problemas com a polícia. Longe de amedrontá-los, essas ameaças fizeram com que

eles decidissem subir a aposta e organizar um evento memorável.

Na quinta-feira do desafio, quando os sinos da basílica começaram a bater meia-noite (iam tocar cem badaladas fúnebres, porque naquela tarde havia sido encontrado o cadáver de Jonathan, o rapaz seqüestrado, um caso que tinha mantido o país em suspense durante uma semana), trinta motocicletas rugindo iniciaram uma corrida louca... pela calçada, não pela rua. Nunca se viu nada de mais demente e perigoso. As calçadas tinham menos de quatro metros de largura. Trinta motos lançadas a toda velocidade sobre essa passarela exígua formavam uma onda heterogênea e multicolorida de metal, plástico, carne juvenil e ruído. Todos empurravam para o lado da parede, pois quem caía na rua pelo meio-fio tinha que esperar pelo fim do cortejo para se reincorporar ao grupo. Formava-se uma espécie de ziguezague compacto que, mesmo sem se estabilizar e mesmo sem deixar de ser um caos, permitia uma aprendizagem de habilidades a uma velocidade cada vez mais acelerada. Em trinta segundos deram a volta no quarteirão e pularam para a quadra seguinte, e

assim foram descendo quadra por quadra fazendo desenhos em forma de oito até a avenida Rivadavia (tinham começado na Directorio), onde chegaram quando soava a badalada número noventa e nove. Com a centésima badalada, se dispersaram, fugindo dos carros da polícia que confluíam para o local, fazendo soar as sirenes das viaturas de todas as delegacias do bairro.

A grande serpente de trovão deixou tudo trêmulo. Os moradores que dormiam ou se preparavam para ir deitar acharam que se tratava de um terremoto, alguns chegaram a supor que era o justo castigo dos Céus pela morte de Jonathan. Os que assomaram às sacadas e conseguiram vê-los não acreditavam no que viam. Há que se reconhecer que havia motivos para que ficassem atônitos: a rua vazia e aquela procissão pela calçada. Geralmente, na vida atual, nada acontece. Se existe alguma notícia, a televisão a transmite, ela é assimilada muito rapidamente e deixa de ser novidade. A possibilidade de surpreender-se quase não existe porque a surpresa sempre retrocedeu ao passado imediato, restando somente a repetição. Aquilo ali, ao contrário, prosseguia vibrando sem explicação, sem repetição.

Aldo e Rosita, que estavam entregando a última *pizza* da noite, os viram passar na calçada em frente. Mesmo estando de sobreaviso de que eles estavam preparando alguma coisa, pois perceberam suas confabulações, jamais teriam imaginado que seria aquilo. Se soubessem, teriam ficado em casa. “Mas que loucos, que loucos”, murmuravam, vendo passar aquela espécie de trem expresso de motocicletas. Demoraram alguns segundos, os poucos segundos necessários para que a feroz caravana tivesse dobrado a esquina, para pensar na própria segurança. Se não tivessem atravessado para a calçada em frente, teriam trombado com eles. “Escapamos por um triz”, disse Aldo. Mas, um momento... Qual era a calçada em frente? Em frente de quê? Os enroscamentos daquele circuito estavam transformando um lado no outro o tempo todo, o “em frente” no “em frente do em frente”. O ruído proveniente do fundo do tabuleiro de damas das ruas do bairro de Flores anunciava um regresso iminente... Continuaram andando. O calor suave e o aroma que emanava das *pizzas* que Aldo transportava com a pequena alça da embalagem pendurada no dedo, esse microclima em que avançavam e se sentiam protegidos, hoje

não os protegia. Chegaram à esquina quando o rugido furioso já os ensurdecia e atravessaram, sem pensar, somente para se colocarem nas respectivas posições habituais... e o rio de motos tornou a cruzar na frente deles. “Ufa! Escapamos outra vez!” Mas era outra vez? Devia ser, porque se repetiu na quadra seguinte, e na outra, e na outra... até que terminaram as badaladas, e terminou a corrida.

Tocaram a campainha e um homem desceu para buscar a *pizza*. Pagou-lhes e deu-lhes uma gorjeta generosa, felicitando-os pelo “serviço ultra-rápido”. O que lhes surpreendeu, porque para eles parecia que tinha se passado uma eternidade. Porém, pelo visto, eles tinham vindo quase correndo. O homem ficou ainda mais um momento na porta, olhando para a esquina.

– Agora há pouco havia um barulho tremendo, vocês não viram nada?

Depois de uma breve hesitação, Aldo respondeu:

– Era uma procissão de motos em homenagem a Jonathan.

O homem fez uma cara séria e murmurou algo, assentindo: “Coitado do garoto... Coitados dos pais dele...”

Quando ficaram sós e começaram a retornar, Rosita felicitou o marido pela mentira plausível que ele havia improvisado. Acharam que isso, na verdade, poderia ser um bom pretexto para desculpar esses garotos loucos, se houvesse uma investigação policial. Era perfeitamente verossímil que os entregadores de Flores tivessem querido fazer, a seu modo, uma homenagem ao rapaz assassinado, já que ele também tinha exercido o mesmo ofício com sua moto e, além do mais, ele era do bairro.

É claro que essa idéia não passou pela cabeça dos responsáveis pelo evento. O que fizeram foi pela pura exuberância animal de suas vidas e suas motos, talvez também pela liberdade que o horário da meia-noite lhes dava. E também não se poderia descartar completamente a exaltação da morte, que havia estendido um manto de melancolia por sobre toda a Argentina. Porém, neles, isso poderia ter causado uma reação do tipo “Se o Jonathan morreu, então tudo é permitido”.

A idéia da “desgraça”, com a qual pretendiam assustá-los e chamá-los à razão, não lhes era tão distante. Pelo contrário, eles a tinham muito pre-

sente, faziam apostas com ela; ela era o fermento dos seus desafios. Mas encaravam a morte de um modo muito impessoal, como as “baixas” estatísticas que ocorrem em todas as guerras. Era a possibilidade máxima de sua participação no grupo. Talvez fossem jovens demais para pensar de outra maneira. Se morressem, iriam se transformar numa estrela aplicada na moto de seu competidor. Quando, naquela tarde, as telas de todos os televisores veicularam a espantosa notícia da morte de Jonathan, assassinado por seus seqüestradores, a decisão, já tomada, de organizar a corrida mais perigosa jamais concebida pela imaginação tomou sentido e se fez inevitável. A morte, como um céu negro, chamava clamorosamente os astros, os pontos de luz brilhante. E a forma da corrida, o enroscamento das voltas e reviravoltas à meia-noite, evocava a formação de uma dessas galáxias espiraladas repletas de mundos. Que lhes importava a opinião dos adultos! Eles eram independentes. A luz que os iluminava por dentro era a inserção deles no mercado de trabalho.

É claro que não se poderia generalizar. Por um lado, eles formavam uma horda homogênea

da mesma geração que pensava igual e reagia em unísono. Por outro lado, eram todos diferentes. Rosita e Aldo participavam das duas visões. Um dos líderes do “grupo de tarefas” do Pizza Show era um rapaz de quatorze anos, Walter. Seu pai, divorciado, expiava a culpa de ter abandonado o lar com presentes caros, muito além de suas possibilidades. Um deles tinha sido a bela moto japonesa que era a menina-dos-olhos de Walter. Estudava no Liceu da Aeronáutica e era tão brilhante que sabia armar e desarmar um GPS e por isso lhe haviam oferecido um bom emprego numa oficina de consertos desses aparelhos. O GPS (Global Positioning System) é uma pequena maravilha tecnológica que revolucionou a navegação e a localização, o equivalente moderno da bússola. Ele envia um sinal que é captado por um satélite que o devolve em forma de coordenadas bastante precisas, informativas do posicionamento no território. Estas coordenadas são traduzidas numa tela que é um mapa onde um pontinho luminoso indica o local em que se encontra o GPS. Os modelos menores cabem no bolso e são tão precisos quanto os grandes, usados nos aviões a jato das linhas

comerciais, ou nos barcos e nos trens. Usam-no também os alpinistas, os velejadores, e até mesmo simples excursionistas. Os carros novos já vêm com o GPS de fábrica (o prêmio do seguro contra roubo diminui neste caso). Em pouco tempo, as mães o estariam usando para não se perderem de seus filhos nos supermercados ou nas praças. A aceleração do progresso científico fez com que seu uso se generalizasse de um modo quase subreptício, pois o grosso da população continuava ignorando a sua existência, e os que o conheciam continuavam vendo-o como um joguinho mágico ou como um segredo da Nasa. Parecia incrível que houvesse, e em Buenos Aires, uma oficina de consertos de GPS. Porém, era uma realidade, e Walter podia testemunhar que aquela não era a única e nem a maior, e que ali chegavam cinqüenta aparelhos por dia para consertar. O mais espantoso era terem contratado um garoto de quatorze anos para fazer os consertos, quando a complexidade desta tecnologia teria feito pensar que seria necessário, pelo menos, um engenheiro formado numa universidade americana. Porém era normal, e todo mun-

do aceitava isso com naturalidade. Sabia-se tão pouco sobre o funcionamento de um GPS quanto do funcionamento da mente de um adolescente moderno.

Havia outra coisa que era ainda mais surpreendente: o fato de que, meses depois de haver recebido essa oferta, Walter continuasse sendo entregador do Pizza Show. Era fácil imaginar que o salário seria várias vezes superior e com melhores perspectivas. A princípio, ele tinha alegado um problema de horários, mas na realidade era o oposto: como ia ao colégio de manhã, o trabalho noturno da entrega era o que menos conviria a ele. Disse que gostava, simplesmente, e que o excitava sair a toda velocidade pelas ruas escuras de Flores com uma *pizza* e com um sentimento de liberdade e de aventura (e também havia o fato de que lhe pagassem para fazê-lo, porque, senão, dava no mesmo sair para vagabundear). E havia também a camaradagem entre os colegas, o grupinho estacionado na calçada da pizzaria, os papos interrompidos pela partida repentina de um ou de outro, a lealdade ao grupo. Não eram argumentos muito convincentes. Tanto que terminou usando

como desculpa a Grande Corrida das Galáxias, de cuja organização foi a *alma mater*.

Mas havia uma causa secreta para a sua permanência ali e isso tinha a ver com uma velha lenda segundo a qual, oculta no meio dos bandos de entregadores motorizados de Flores, havia uma moça que se fazia passar por um rapaz. Era inevitável que essa fábula brotasse do imaginário coletivo. Numa época em que os dois sexos compartilhavam todos os trabalhos de igual para igual, o *delivery* tinha ficado no domínio exclusivo dos rapazes por algum motivo que permaneceu sem explicação. O inexplicável era o ponto de partida. A romântica sede de amor e de mistério, própria da idade, fazia o resto. Na mente inquisitiva e precisa de Walter, a fantasia tomou o peso da certeza e coloriu a sua vida inteira como uma paixão. Suas suspeitas rodaram em espiral por todo aquele pequeno mundo noturno, de colega em colega, de moto em moto. Nem por um instante lhe passou pela cabeça que ele também poderia ser objeto de suspeita. Era bonito como uma menina, tinha a pele de alabastro, os olhos meigos com longos cílios, o cabelo fino, as mãos de boneca,

esbelto e ágil como um gato. Além disso, a moda impunha roupas largas, ideais para o disfarce dos sexos, e ele sempre andava na última moda. Era quase elegante demais.

Uma complexa série de indícios e raciocínios, ou intuições, ou talvez sonhos acordados, levou-o a dirigir suas suspeitas para um rapaz chamado Diego. Como costuma acontecer nesses casos, havia algo de reação retardada nesta conclusão, tipo “como é que eu não pensei nisso antes”, que só não era concludente porque o enigma continuava, tornando-se cada vez mais denso. Diego havia trabalhado com ele na entrega do Noble Repulgue, uma pastelaria. Ele tinha uma velha moto vermelha emprestada, era um pouco tímido e muito prudente, como todos os que usavam motos emprestadas, e Walter tinha simpatizado com ele. Quando Walter se transferiu para o Pizza Show, Diego foi junto com ele, coisa que o surpreendeu porque não tinham uma relação especialmente próxima. Ao contrário, Diego havia se mostrado o tempo todo mais apegado a um outro entregador, o maior do grupo, em consonância com a necessidade de proteção que parecia sentir. Porém, saiu

de lá com ele, e isso o agradou. Exceto que, pouco tempo depois, ele tornaria a surpreendê-lo, indo trabalhar na sorveteria Freddo, sem explicações, a não ser aquela que ele poderia supor: a de que não haviam renovado o empréstimo da motocicleta e, sendo assim, tinha lógica a mudança para a grande sorveteria, o único estabelecimento de Flores que continuava mantendo sua própria frota de veículos, as famosas quinze motos azuis com caixas térmicas.

Diego teria por volta de quatorze ou quinze anos, era pequeno, com um jeito infantil, a pele pálida e os olhos rasgados, algo entre o coreano e o boliviano, bonito a seu modo. Por que é que passou pela cabeça de Walter que ele era uma garota? Pela sua timidez, pelo seu mistério, por suas mudanças sem explicação, ou porque sua atenção havia pousado nele, simplesmente. Visto por este prisma, a mudança para a Freddo assumia um significado distinto, como uma traição ou uma provocação. Ou talvez como uma espécie de mensagem cifrada. Lamentava não tê-lo examinado com mais atenção quando o tinha próximo, quando trabalhavam juntos. Mas a atenção sempre

operava desse modo, um pouco anacrônica, quase brincalhona: ela despertava quando o objeto da atenção tinha se afastado. Buscava na memória e, aí sim, os desejos errantes se fixaram no instante. Uma das características com a qual a lenda havia se enriquecido era a velocidade fantástica que a moto prateada dessa garota lunar desenvolvia, o que lhe permitia superar todos os seus perseguidores masculinos. E ele achava que se lembrava... que Diego retornava rápido demais de suas entregas ou que, magicamente, sua moto parava de fazer barulho logo depois de se afastar, ao sumir na escuridão de uma rua lateral... Porém, concluía racionalmente que a memória poderia enganá-lo.

Foi assim que teve a idéia de fazer aquela corrida louca pelas calçadas. Organizou-a para ter Diego próximo dele no tumulto das voltas e obrigá-lo a confessar seu segredo, pois tinha colocado, sem ninguém ver, um GPS na moto dele. Os furiosos movimentos em oito no meio da noite fariam retroceder o tempo até onde ele necessitava.